



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa



ANO VII - Nº. 80

Arcanjo da Estação Primavera: Rafael

Novembro 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

REGRAS DO ROSA-CRUZ

1 – Amai a Deus sobre todas as coisas.

“Amar a Deus” quer dizer amar a sabedoria e a verdade. Não podemos melhor amar a Deus do que obedecendo a sua Lei. Para prestarmos conscientemente essa obediência devemos conhecer a lei. E o conhecimento dela só se adquire por meio da prática.

2 – Dedique vossa vida inteira ao progresso espiritual.

Assim como o sol envia, de longe, seus raios a terra, para iluminar tanto os puros quanto os impuros e inundar de luz até os mais mesquinhos objetos, o espírito do homem pode enviar seu raio mental a metéria para adquirir o conhecimento de todas as coisas terrestres, sem necessidade de perder a sua consciência divina ou de ser absorvido pelo objeto de sua percepção.

3 – Sede completamente desinteressados.

O conhecimento espiritual começa ponde cessam todo e qualquer sen-

timento egoísta e a ilusão de crer-se o homem separado dos demais. Neste momento é que começa o homem a compreender a sua verdadeira natureza, isto é, o seu poder divino, universal e autoconsciência, que tudo abrange.

4 – Sede paciente, modestos, enérgicos e silenciosos.

A porta do templo interior se chama “contentamento”; por ela, entretanto, não pode penetrar outro animal senão o que caminha ereto, consciente de sua dignidade de ser humano. Sem energia nada se realiza. As harmonias divinas penetram no ouvido interno quando todos os pensamentos e desejos se acham em repouso, isto é, em completo silêncio.

5 – Aprendei a conhecer a origem dos metais contidos em vós. A causa do sofrimento é a ignorância. Para que ressuscite, o espiritual deve ser crucificado no material.

6 – Guardai-vos dos impostores e dos charlatães.

O quem a presunção de possuir conhecimentos nada sabe só é sábio aquele cuja boca profere a palavra de sabedoria.

7 – Vivei em adoração constante ao supremo bem.

Os vermes buscam suas delicias na abominação e na lama; as águas

livres, porém, soltam as azas e voam para o sol.

8 – Aprendeis a teoria antes de vos dedicardes à prática.

Quem viaja conduzido por um guia experimentado o faz com mais segurança que aquele se recusa a beneficiar-se das experiências alheia

9 – Sede caritivos para com todos os seres.

Todos os seres são um em espírito e não estão separados uns dos outros mais do que pela ilusão da forma. O que é caritativo para com outra forma em que se manifesta a Vida Uma universal livra o seu próprio eu do sofrimento.

10 – Estudai os antigos livros de sabedoria

Os livros são para o espírito não amadurecido o que o leite é para a criança. Antes de termos adquiridos as forças necessárias para descer a fonte de águas vivas de nosso próprio ser e beber a água da verdade é preciso que recebamos o alimento de mãos alheias.

11 – Esforçai-vos para compreender o seu oculto significado. O exterior é visível aos olhos externos; o espiritual, no entanto, só se pode ver com os olhos do espírito.

Eis aí as onze regras que devem observar aqueles que aspiram a entrar no templo da Rosa-Cruz; mas os rosa-cruzes possuem a regra doze, Arcanum, na qual estão contidos grandes poderes de que não é lícito falar aqui. Esse Arcano é comunicado aos que o merecem. Com o seu auxílio podem os homens encontrar a luz nas trevas e uma mão que os guie com segurança no labirinto. Não pode ser traduzido em nenhuma língua mortal e, portanto, só pode ser transmitido de “coração a coração”. Não há tortu-

ra, por mais cruel que seja, que obrigue a Rosa-Cruz a revelá-lo porque, ainda que o desejasse fazer, não o compreenderiam os que são indignos de recebê-lo.

**Gnose junho 1939 -
Franz Hartmann**

Crença e espiritualidade

Tanto o vocábulo “crença” como a palavra “espiritualidade” costumam ser confundidos em suas acepções e usados demasiado arbitrariamente, e com especialidade nas aplicações da vida diária. Isto não desperta tanto a atenção porque ocorrem, mesmo, nas mais elaboradas inquirições filosóficas e nos enunciados graves e impregnado de sutileza mística de todas as religiões.

Crença não é uma convicção nascida da experiência e da análise ampla da realidade. Não nos apercebemos ordinariamente por nos acharmos absorvidos nas normas consagradas, de que a crença, fé absurda, é simplista, arbitrária, desoladora, em suas fases e consequências, porque significa a aceitação submissa de enunciados categóricos, quase sempre em conflito com a lógica natural, simplesmente fantásticos.

Vem isto a explicar o fato de serem as crenças, em sua maioria, confusas e irreais, justificando-se, assim, plenamente, o conceito de Goethe quando assevera que “cremos porque não compreendemos, ou não teríamos crença se tivéssemos certeza”. O ponto fraco das múltiplas crenças de caráter místico, religioso, fraternal, espiritualista, precisamente no momento presente, é a consequência inevitável da falta de profunda compreensão do porque e da causa das causas, ou de uma realização dos motivos e fundamentos ulteriores de tudo, no domínio da vida com critério, convicção e noção amplíssima da realidade.

Quanto a Espiritualidade, acontece ser também divindade erigida num altar de irrealidades; quando não é o produto de mera fantasia, é o jogo de emoções indisciplinadas, de suposições errôneas e de presunções exageradíssimas. Isto infelizmente ocorre, nas mais das vezes, e é causa bastante difícil de enunciar precisa e definitivamente as mentes entregues às crenças fáceis, dogmáticas, intransigentes. A maior prova, entretanto, do infundado, da maioria das noções com respeito à espiritualidade e ao espírito é sua falta de resistência a análise investigadora. Até hoje se tem criado que o Espírito é algo de divino, mas em transe de perfeição. O que redundava em flagrante absurdo, porque se assim fosse Deus não passaria de matéria vulgar em via de evolução.

A espiritualidade se confundiu constantemente, com a irresponsabilidade moral e com diversas afecções mórbidas da natureza humana e se sujeitou, ademais, a toda sorte de vicissitudes dos erráticos conceitos em torno dos convencionalismos denominados “moral”, “civilização”, “religião”, “sabedoria” e, enfim, em redor da oca banalidade do bem e do mal, problema já esgotado por não ser substancial.

A espiritualidade exige alguma coisa mais que uma simples atitude mental e devocional. As crenças olham de través e caprichosa e desconcertantemente a parte mais significativa do ser, e não consegue compreender sua importância e transcendência como obtenção, vibração e consciência totalitária em si e por si a Espiritualidade, cumpre que se diga enfaticamente, implica, antes de tudo, POSIÇÃO MENTAL, ou situação consciente no concerto da vida. Somos o que conseguimos alcançar em quilates de consciência.

Mas a consciência não é simples crença.

A espiritualidade é a soma obtida de realizações próprias, conscientes, ou seja, a penetração inteligente no domínio do fundamental e essencial que radica no recôndito de nossa Seidade. Espiritualidade é atualização transcendente do ser no domínio do suprarreal, dominando suas tendências e erradicando toda obstrução de caráter sensorial e puramente discriminial. Espiritualidade não é mera crença ou abstencionalismo inibitivo de caráter psicopatológico ou nústico-sensorial, mas situação mental precisa no fundamental e atitude edificante por virtude de concepções amplas e elevadas. Espiritualidade é algo mais que litania, clamor ou mantra, é aspiração refinada e sincretismo conceptual. Espiritualidade significa alguma coisa mais do que simples tendência sentimental ou devocional, é a significação de íntimas realizações. Espiritualidade não é doutrina, dogma, teoria, mistério nem crença ou abstração em “o mais verossímil”, é a culminação trabalhada do acervo mais profundo do ser pelo supramente belo, pelo magnificamente bom e pelo inevitavelmente verdadeiro que sobrepuja todas as convenções e fórmulas doutrinárias.

A espiritualidade é muito mais que o comum sentido das múltiplas fraternidades, escolas místicas, ordens filosóficas, sistemas, religiões existentes, porque é a chagada as superiores aquisições subliminais do ser, compreensão dos valores natos no homem, despertar da consciência, triunfo sobre os instintos inferiores e de circunstâncias comuns da vida, verdadeiro êxito cultural.

Trabalhem por essa Espiritualidade.

Os homens mesquinhos e com escassa visão da vida costumam ser inimigos declarados da espiritualidade principalmente quando vivem de fazer crer aos demais que são administrado-

res dela. É que conquanto sejam aparentemente inteligentes e tenham feito estudos acurados sobre muitas matérias, não conseguiram alcançar o sentido das coisas e surpreender o verdadeiramente transcendental. Deixam-se arrastar pelas circunstâncias e subjugar pelas aparências, sem se aperceberem de que, ao se deixarem influir desmedidamente pelos fatos e processos ambientes, demonstram possuir debilidade extrema de caráter e nenhuma força de vontade para ocupar as posições que melhor se casem com as suas próprias necessidades. São simples vítimas da vida, que deixam correr seu destino pelo caminho das forças que melhor as manejam e mais se impõe.

Os clássicos "pobres de espírito" são, na realidade, almas débeis, indivíduos cheios de complexos, aspirações e objetivos; são na verdades enfermos de caráter e da consciência.

Onde não há caráter não pode haver grandeza de alma, e o que alimenta as almas fortes é a consciência. Mas a consciência é alguma coisa que se vai despertando no foro íntimo do ser, graças a inúmeros sacrifícios de ordem pessoal.

A consciência aparece em nós em relação com nossa capacidade de dominar nossas próprias deficiências e limitações. É a faculdade de sermos amplos, efusivos, pródigos em expressões das possibilidades íntimas do ser, ou seja, da Energia Universal que lhe flui através de nós.

Somos como que "pontos no espaço" que exprimem a soma de valores aos quais acedemos servir de veículos. E esta capacidade é a que se entende, realmente, por Consciência. Faculdade Universal que, por outro lado, tem função limitada em seus alcances e se edifica a base do infinito que capta e expressa.

É claro que o simples intelectual não é um veículo adequado de expressões

Valores Universais, porquanto está muito ocupado com as suas próprias disquisições e fantasias.

A verdadeira espiritualidade é vida triunfante e plena; é a consciência resplandecente; exaltação magnífica de poderes interiores; Superação; Máximos êxitos. A genuína espiritualidade produz alegria constante; é fonte de todos os êxitos edificantes e de suma felicidade. Ser realmente espiritual é transcender as banalidades circunstanciais e as complexidades da existência, sem evitá-las. A Espiritualidade não é sombra, nem passiva, nem negativa; não está em conflito com a realidade, nem implica fugir da vida ou incorrer em desrazoáveis e extremas abstinências e contingências, nem é denegação de alegria. Não é sinônimo de covardia moral ou de beato alheamento.

Espiritual é aquele que possui visão clara, sabe penetrar no imamente e descobrir o essencial da realidade adequado a expressão do verbo Primordial de Vida.

Por isso, é preciso não julgar a espiritualidade com o critério dos que outra coisa não tem feito senão desprestigiá-la e falseá-la, fazendo-a impossível com os seus dogmatismos, sectarismos e imposições.

Condenar a Espiritualidade por não a entender é caprichoso e torpe. Ninguém jamais logrará "compreender" a verdade em sua essência, porque o intelecto e toda a aparatosa função da mente não têm tal alcance. O discriminativo e retórico, outra coisa, não é que uma provida efusão mental em suas faculdades diferenciadoras, calculistas e de observação do externo, objetivo e aparente.

A Espiritualidade, quando genuína, satisfaz todas as ânsias, todas as inquietudes e todas as necessidades.

**Revista "Fraternidad Rosa Cruz" -
Gnose julho 1939**